

NO GARIMPO SOU MESTRE: OS IMPACTOS DA QUEDA DA BARRAGEM DE FUNDÃO E O TRABALHO DOS GARIMPEIROS EM ANTÔNIO PEREIRA (MG)

IN THE MINE, I AM THE MASTER: THE IMPACTS OF THE FALL OF THE FUNDÃO DAM AND THE WORK OF THE PROSPECTORS IN ANTÔNIO PEREIRA (MG)

Carolina Machado Saraiva

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil
carolamsaraiva@gmail.com

Girressi Lúcio da Silva

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil
girressi@yahoo.com.br

Submissão: 02. 04. 2021. **Aprovação:** 12. 12. 2021. **Publicação:** 18. 12. 2021.

Sistema de avaliação: *Double blind review*. **Centro Universitário UNA**, Belo Horizonte - MG, Brasil.

Editora chefe: Profa. Dra. Daniela Viegas da Costa-Nascimento

Este artigo encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico:
<http://revistas.una.br/index.php/reuna/article/view/1284>

RESUMO

O propósito deste estudo foi analisar como a queda da barragem de Fundão, ocorrida em 2015, na região de Mariana, afetou e ainda afeta a atividade dos garimpeiros na região de Antônio Pereira (MG). O garimpo é atividade secularmente realizada na região, havendo formas ancestrais de organização e execução desta atividade, além do desenvolvimento de laços sociais e reconhecimento de si enquanto sujeito no trabalho. A queda da barragem de Fundão provocou inúmeras consequências a essa atividade, havendo, inicialmente, uma migração de pessoas para o garimpo, dada a falta de oferta de empregos na região devido à suspensão das atividades da mineradora, e, recentemente, com o reconhecimento de Antônio Pereira como região atingida, decretou-se a suspensão das atividades garimpeiras, deixando várias famílias sem recursos financeiros e trabalho. Foram realizadas entrevistas em profundidade com 9 núcleos familiares de garimpeiros, além da pesquisa participante. Os resultados demonstram que o trabalho no garimpo contém elementos organizacionais como redes sociais, hierarquia, poder e controle. A compreensão do garimpo para além da discussão de sua legalidade nos revela as facetas substantivas do trabalho, em que sujeitos se entendem como ativos e críticos da sua situação, agindo no mundo em busca de seus direitos prejudicados com a queda da barragem de Fundão.

Palavras-chave: Garimpo; Atividade informal; Organizações não convencionais; Antônio Pereira

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze how the fall of the Fundão dam, which occurred in 2015 in the Mariana region, affected and still affects the activity of

prospectors in the Region of Antônio Pereira (MG). Mining is an activity that is secularly carried out in the region, with ancestral forms of organization and execution of this activity, in addition to the development of social bonds and recognition of ones as a subject at work. The fall of the Fundão dam has had numerous consequences for this activity, with initially a migration of people to the mining site, given the lack of jobs in the region due to the suspension of the mining company's activities, and recently, with the recognition of Antônio Pereira as the affected region, the suspension of mining activities was decreed, leaving several families without financial resources and work. In-depth interviews were conducted with 9 family nuclei of prospectors, in addition to the participant research. The results show that the work in the field contains organizational elements such as social networks, hierarchy, power and control. The understanding of mining beyond the discussion of its legality reveals to us the substantive facets of the work, in which subjects understand themselves as active and critical of their situation, acting in the world in search of their rights impaired by the fall of the Fundão dam.

Keywords: Mining; Informal activity; Unconventional organizations; Antônio Pereira

1. Introdução

No garimpo, eu sou mestre; nas contratadas, serei ajudante, e eu não me ajeito com o chefe e nem com o regime das empresas. Sou bicho solto, nasci e cresci no garimpo. Sou igual passarinho arisco, não consigo viver em uma gaiola. Prefiro morrer de contaminação do que trabalhar num lugar e me sentir na prisão (Gilsinho (atingido) 2020 apud CASTRO, 2020).

Em 1984, foi descoberto que Antônio Pereira está assentada em grandes jazidas de minério. Três grandes empresas, da área da mineração instalaram-se no local, sendo elas Samarco, Samitri e Companhia Vale do Rio Doce. Apesar dos trabalhos ofertados nas mineradoras, a prática do garimpo sempre perdurou no distrito, porém de forma rara e isolada por ser uma atividade não regulamentada no local. Contudo, a partir do dia 05 de novembro de 2015, com a queda da barragem de Fundão, houve gradativamente o aumento do desemprego, devida à notificação da SEMAD de Minas Gerais, suspendendo as licenças da barragem da empresa, paralisando imediatamente as atividades nas usinas pela mineradora.

Diante do cenário de escassez de trabalho nas mineradoras, muitas pessoas em Antônio Pereira encontraram refúgio econômico na prática do garimpo e gradativamente essa atividade caracterizada como informal, foi se consolidando e tomando grandes proporções.

Antônio Pereira traz continuamente a cada declínio socioeconômico marcas e danos oriundos da extração mineral pelas empresas ou pela própria comunidade. Portanto, o garimpo é algo relevante a ser estudado para essa localidade em específico, pois a atividade acarreta inúmeros riscos à saúde, devida à precariedade das condições de trabalho e a exposição aos agentes nocivos.

A queda da barragem de Fundão tem provocado nos últimos cinco anos inúmeros problemas sociais e econômicos na região (COMITIVA, 2018).

Considerado um crime, o ocorrido faz parte de uma necropolítica organizacional (SARAIVA e FERREIRA, 2019), tendo sido estudado por diversos pesquisadores em todo o Brasil (LOBATO, 2018; PRISMMA, 2018; VALÊNCIO, 2018; DA SILVA, BOAVA & MACEDO 2017).

Em especial, a atividade garimpeira apresenta-se como uma forma de trabalho totalmente destruída pelo colapso da barragem, atingindo toda a extensão do Rio Doce, não somente em Antônio Pereira (FLORIANO et al, 2018).

Os atingidos questionam a Fundação Renova sobre suas capacidades de indenizarem, colocando em cheque até mesmo a legalidade da atividade de extração mineral realizada pelas mineradoras (RAMBOLL, 2020).

Várias são as histórias presentes no garimpo, que se estruturam como organizações de trabalho familiares com peculiaridades próprias sobre suas formas de racionalização do trabalho e relações interpessoais. As questões sociais também estão imbricadas no garimpo, que acabam por se transformarem em pequenos núcleos que refletem toda uma estrutura social e econômica da exploração realizada pelas mineradoras.

Detentoras do monopólio de mineração, essas empresas impõem sobre a comunidade de Antônio Pereira modos de vida ajustados às atividades minerárias e submetendo toda a comunidade às oscilações do mercado minerário nacional e internacional.

O garimpo é visto como uma alternativa à lógica de domínio do capital e deve ser, portanto, compreendido como atividade de trabalho de resistência às formas de dominação da mineração. Para além de serem concebidas exclusivamente como atividades ilegais, os garimpos devem ser compreendidos pela ciência administrativa em sua própria lógica, que contém suas formas de resistência ao monopólio minerário da região e como alternativas de complementação de renda.

Ao observarmos de perto a atividade garimpeira, o que ela nos revela é o saber secular existente no modo de fazer o trabalho da apuração do ouro (PAPAGAIO, 2018). Papagaio (2020) argumenta sobre a importância de se compreender como são organizados os processos de trabalho dos garimpos e quais suas semelhanças e diferenças em relação ao trabalho formalmente concebido nas empresas capitalistas.

Olhares sobre as subjetividades que compõem a atividade garimpeira nos revelam os saberes construídos pelo garimpo, desembocando em modos de vida específicos (ROCHA, SEVERINA E HELENA, 2017). Não podemos também excluir as diversas consequências trazidas ao garimpo pela queda da barragem de fundão que, mesmo após quase 6 anos, ainda são sentidas nos territórios (CARMO et al, 2020).

Assim, buscando compreender os modos de trabalho dos garimpos de Antônio Pereira e as consequências da queda da barragem de Fundão sobre eles, propõe-se essa pesquisa. Foram desenvolvidas entrevistas em profundidade com nove núcleos familiares de garimpeiros da região de Antônio Pereira. Desenvolveu-se também a observação participante. O processo de análise de dados foi a análise de conteúdo que trouxe como categorias as questões relativas à dependência local da mineração, as formas de trabalho ilegais dos garimpos e as formas de

racionalização do trabalho dos garimpeiros: seus conflitos, jogos de poder e controle, bem como os processos próprios ao fazer do garimpo.

Esperamos que este olhar mais atento à atividade garimpeira possa contribuir para os atingidos em suas diversas lutas pela reparação e indenização justas. Entendendo-se a racionalidade do trabalho dos garimpeiros, contribuimos para sua compreensão para além do carimbo de atividade ilegal, este tantas vezes lançados pela Fundação Renova para se desviar de sua responsabilidade de indenização desses profissionais.

Este artigo está organizado em mais 4 seções sendo o próximo o que discutiremos a questão do garimpo e sua marginalização, recolocando uma questão que aparece de forma tão naturalizada em nossa sociedade. Como colocado pelos atingidos (CASTRO et al, 2020, p. 11): “se a Vale pode minerar, porque os garimpeiros não podem garimpar?”. O resgate das origens da marginalização dessa atividade é analisado na próxima seção. Seguindo-se, tem-se uma seção sobre organizações não-convencionais, em que buscaremos ampliar o conceito de organização daquele modelo tradicional da empresa capitalista. Apresentamos a metodologia do trabalho na seção seguinte, seguida da análise de dados, das conclusões e referências.

2. Fundamentação teórica

2.1 A Marginalização do Garimpo

O garimpo é um modo muito antigo de extração mineral. Provavelmente remonta ao século XV através do avanço dos europeus sobre terras desconhecidas como aconteceu no continente americano. No Brasil a atividade garimpeira só teve início a partir do século XVIII, especialmente devido às descobertas de diamantes e ouro em Minas Gerais (MIRANDA, 1997).

O período entre 1733 e 1748 correspondeu ao apogeu da economia do ouro em Minas Gerais. Ouro Preto, a atual cidade de Vila Rica, devida à abundância do ouro extraído era a capital mais significativa de toda a América, a pérola preciosa do Brasil. Tudo leva a crer que em 1770 ter sido o momento em que se encerrou o apogeu e começou, lentamente, a decadência, que já era algo evidente e palpável (SOUSA, 1982).

Conforme informação retirada do site do município de Ouro Preto, a decadência do ouro trouxe declínio econômico para a toda região, inclusive para Antônio Pereira que somente por volta de 1950 teve início a um novo ciclo de mineração, agora sendo o do minério de ferro que perdurou até a década de 1970, logo após esse período o distrito novamente entrou em declínio.

O garimpo pode ser considerado como uma modalidade marginal à mineração, considerada pela sociedade como símbolo de desorganização, violência, insegurança, insalubridade, problemas sociais, degradação ambiental e a total falta de técnica para a exploração dos bens minerais. (IBRAM, 1992).

O termo garimpeiro surge na região das minas em inícios do século XVIII, intitulado pejorativamente para rotular a mineração de pequeno porte, sendo então caracterizada como uma modalidade desrespeitosa à legislação da coroa portuguesa, pois a atividade mineradora por esse grupo era realizada em

localidades de difícil acesso entre as serras, dificultando o controle pela corte do império (COSTA, 2007).

A marginalização social dos grupos de garimpeiros se dá à partir da inserção do capitalismo industrial na mineração, que desenhava a imagem negativa da mineração colonial que ainda hoje se mantém no consenso relacionado ao garimpo (RIBEIRO, 2013).

Segundo Lijterman (2017) a marginalização do garimpo na América Latina deu-se devido aos efeitos do sistema capitalista, causando uma heterogeneidade social, que apesar do magnífico progresso tecnológico e das ondas sucessivas de modernização, a inovação tornou-se algo essencial. Sousa (1982) revela que as práticas capitalistas monopolistas produziam tratamentos excludentes entre os envolvidos da sociedade mineradora como, de resto, nas outras partes da colônia brasileira, eram privilegiados os elementos que tivessem maior número de escravos. Mais da metade das lavras de ouro e de pedras preciosas estavam concentrados em sua maioria ao controle dos maiores proprietários de escravos negros, até mesmo o critério de concessão da terra para o garimpo registrava-se na perspectiva da quantidade de escravos possuídos.

Durante o período colonial (1500-1822) as riquezas minerais pertenciam ao rei, à Coroa, que lucrava renda de sua exploração por meio de cobrança de um imposto “o quinto ou o dízimo” aos garimpeiros. Já durante a primeira fase republicana (1891 a 1934), as jazidas e minas pertenciam ao proprietário do solo. Durante o período em que prevaleceu a Constituição de 1891, a concentração das riquezas do subsolo ficava ao exclusivo juízo do possuinte do solo, ou fazia ele próprio diretamente, ou por terceiros, mas com sua permissão indiretamente sobre o aproveitamento de tais riquezas (SARMENTO, 1976).

A legislação brasileira associada às diretrizes governamentais, ao implementarem abertura do mercado interno para a entrada de empresas estrangeiras de mineração, fizeram com que os garimpeiros fossem excluídos socialmente (MARTINS, 2008).

Costa (2007) complementa que com as definições geradas pela Carta Régia de 12 de agosto de 1817, promulgada em Minas Gerais, estabelece a criação de companhias de mineração. Todavia, ao longo de todo o século XIX a legislação brasileira promoveu ajustes jurídicos para beneficiar o desenvolvimento da mineração industrial e a aplicação do capital internacional no Brasil.

Ribeiro (2013) conclui que a exclusão e a marginalização dos coletivos garimpeiros decorreram das desigualdades sociais estabelecidas entre os coletivos tradicionais e as indústrias mineradoras capitalistas. O trabalho do garimpeiro é informal por ser considerado ilegal devido ao uso de mercúrio para a apuração do ouro (COSTA, 2007). A organização deste ofício requer baixíssimo investimento de capital e as técnicas utilizadas são arcaicas, de natureza artesanal ou manual com o uso de ferramentas, tais como: bateia, carrinho de mão, enxadas e pás.

Outro aspecto peculiar do garimpo é a adoção da mão de obra parental com inclusão do trabalho feminino e infantil junto às lavras de ouro. Essas formas tradicionais de solidariedade coletiva fortalecia os vínculos familiares, ajudando perpetuar a prática garimpeira (RIBEIRO, 2013).

Com a falta de proteção do governo e da ausência de alternativas para o trabalho formal, brota-se o sentimento nos garimpeiros de desafiar e infringir às leis (RIBEIRO, 2013, p. 134):

Se a contravenção e a clandestinidade foram desde cedo imputadas à mineração tradicional pela legislação brasileira e pelos empreendimentos minerários, a desobediência e a subversão foram algumas das formas garimpeiras de agir em resposta.

Além das minas registradas, que são grandes escavações subterrâneas de forma legalizada, esta pertencente às organizações, há milhares de outras não regularizadas, especialmente garimpos de ouro, diamante e gemas diversas, bem como menores extrações clandestinas de agregados minerais para a construção civil (VIANA, 2007).

A clandestinidade acontece devido à intensa burocracia dos processos de legalização, da descontinuidade de exploração, da falta de fiscalização e da complexidade de regulamentação desse tipo específico de empreendimento minerário (VIANA, 2007).

2.2 Organizações Não-Convencionais

As escolas de Administração através dos estudos organizacionais contribuíram desde sua concepção à sua evolução para a normatização de modelos a serem seguidos, classificando-os e delimitando-os, dessa forma, esses modelos tornaram-se referências para as futuras organizações a partir do ponto de vista da administração fundamentado teoricamente na reprodução do capital e na racionalidade utilitarista (VIZEU, 2010).

Uma das implicações principais da Teoria Organizacional é defendida pela racionalidade instrumental e está fundamentada pelo modelo burocrático e pela teoria comportamental (RAMOS, 1989). Portanto, seja qual for outra tipologia constituinte de organizações não padronizadas pelos modelos propostos pela Teoria Organizacional é considerada como inapropriada ou inusitada à área de Estudos Organizacionais, como por exemplo, as comunidades tradicionais (BOEHS; SEIFERT; VIZEU, 2013).

Sendo assim, a estrutura organizacional do garimpo foi marcada pela instabilidade e a incerteza, estas presentes na essência da atividade em si, por ser uma atividade do setor informal, inibindo as possibilidades de reestruturação através de investimentos com base em capital fixo de longo prazo, outro aspecto estava na incerteza de garantias nas transações econômicas, provenientes da impossibilidade da regulação estatal, tornando os atos compactuais demasiadamente dependentes, caracterizando essas negociações firmadas entre as partes subjetivas, pois os parâmetros prezados eram a confiança e a boa fé (COSTA, 2007).

As maiores evidências para as organizações não convencionais datam também para a década de 1970, devido à crise capitalista firmada nessa época, imergindo de uma economia informal à margem da ordem legalmente instituída, propiciando concepções adversas das organizacionais burocráticas padrão. Logo, essa nova possibilidade de estrutura organizacional vai se fortalecendo na medida em que as ações fiscalizadoras dos órgãos governamentais tornaram-se raras ou até ausentes (COSTA, 2007).

Arrighi (1996) complementa que conforme as novas possibilidades de reinvenção propícias pela crise fordista emergiram sistemas organizacionais mais flexíveis, formadas principalmente individualmente e/ou no núcleo familiar, estruturadas na produção de menores lotes e na fabricação artesanal, interagindo oportunamente em sistemas de troca no mercado informal. O desenvolvimento das organizações não convencionais manifesta-se através das contradições pelas regulamentações firmadas pelo governo, concentrando-se o foco para a normatização das atividades que agregavam maior renda, já as atividades que propiciavam de menor circulação monetária eram encaradas sem importância.

Referindo-se ao garimpo enquanto estrutura organizacional, esta foi se moldando numa organização dinâmica e singular de desenvolvimento, consolidando-se numa linguagem própria e peculiar, estruturando todas as relações sociais existentes no garimpo através de preceitos éticos acordadas de forma não documentada, porém subtendida em consenso. A cultura organizacional do garimpo estabelece desde deveres e obrigações dos garimpeiros, as formas de gestão, da parcela cabível do ouro extraído a cada indivíduo, dos meios para o recrutamento, da delimitação territorial dos membros para a atividade e das relações com os compradores de ouro (COSTA, 2007).

Se de certa forma a estrutura organizacional do garimpo se fomenta na relação de cooperativismo entre os agentes envolvidos, pois pressupõe das relações de cumplicidades mútuas, porém de outro lado, há a insegurança gerada pelos contratos informais, potencializando atitudes oportunistas, reduzindo a confiança e elevando o grau de conflito na organização (COSTA, 2007).

3. Método

Nesta seção foram detalhados os procedimentos metodológicos que orientaram esta pesquisa. A pesquisa teve cunho qualitativo se pautando no aspecto exploratório, usando os seguintes instrumentos: entrevista semiestruturada e caderno de campo, sendo estes analisados a partir da análise de conteúdo. Utilizou-se também de registros fotográficos e de registros de documentos.

A abordagem qualitativa possui uma relação dinâmica entre o mundo e o sujeito. O ambiente natural é a fonte principal para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. A análise qualitativa depende de muitos elementos, como a natureza dos dados coletados, dos objetos de pesquisa, da extensão da amostra e as conjecturas teóricas que orientam a investigação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O caráter exploratório tem o propósito de oportunizar mais informações sobre o assunto que será pesquisado, permitindo ao objeto-pesquisa definições e delineamentos, sendo assim, orienta a definição dos objetivos e dos processos de criação de hipóteses, bem como de propiciar novas percepções acerca do objeto de estudo. Assume, em geral, as formas de estudos de caso e de pesquisas bibliográficas (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Os dados obtidos de entrevistas semiestruturadas e livre compreende-se como passos importantes para análise qualitativa e produção acadêmica, pois essa ferramenta concebe desde a construção do instrumento de coleta de dados ao entendimento do significado das falas dos sujeitos entrevistados, dentro da perspectiva teórica do pesquisador (ALVES; SILVA, 1992).

Utilizado também em todo período, o caderno de campo são notas que devem ser feitas logo após as entrevistas, descrevendo aspectos que possam ajudar futuramente, bem como as impressões e circunstâncias do encontro (MEIHY, 2005).

Para tanto, os resultados obtidos por meio dos instrumentos de coleta de dados foram analisados seguindo a análise de conteúdo. O método de análise de conteúdo compõe-se de um conjunto de técnicas empregadas para a análise de dados qualitativos, ou seja, representa um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a procura pelo sentido ou dos sentidos de um documento (CAMPOS, 2004).

O registro fotográfico foi outra ferramenta utilizada nessa pesquisa como forma de validação e comprovação diante da dura realidade do garimpo em Antônio Pereira, sendo assim a fotografia possui grande relevância, pois segundo Guran (2012) a fotografia pode ser o ponto inicial para uma reflexão antropológica ou o resultado dessa reflexão, sendo eminentemente descritiva, ou seja, representando tudo o que é evidenciado em si, portanto não sofre prejuízo das suas dimensões simbólicas e opinativas.

As pessoas entrevistadas estavam diretamente ligadas ao garimpo de ouro na localidade estudada. Para coleta de informações fundamentais ao desenvolvimento do estudo proposto, optou-se por não se utilizar um questionário ou formulário antecipadamente elaborado, a entrevista foi encaminhada em tom informal, de modo a permitir uma maior liberdade, evitando assim qualquer bloqueio ou constrangimento dos entrevistados.

A coleta de dados compreendeu em:

- **Observações de campo:** por meio de cinco idas cotidianamente ao local, relatadas no caderno de campo sobre como é realizado o trabalho no garimpo, como se comportam na frente de lavra¹, como são configuradas estas frentes, quais são as ameaças e dificuldades encontradas, quais características organizacionais apresentavam o garimpo, etc.

- **Depoimento informal de garimpeiros:** através de conversas informais, procurou-se descobrir a história dos garimpeiros e por quais motivos os mesmos encontravam-se no garimpo, informações sobre questões relativas ao seu trabalho, conflitos vivenciados e receios aos riscos da profissão.

- **Fotografias:** Foram feitas fotos do local e das ferramentas utilizadas no garimpo, algumas fotografias de frente da lavra em funcionamento só foram possíveis de longe para não identificação do garimpeiro e/ou na ausência dos mesmos.

- **Material cartográfico da região:** Foi utilizado um mapa para identificação territorial da localidade estudada.

4. Análise e discussão dos dados

Nesta etapa buscou-se relacionar os dados obtidos a partir das nove entrevistas semiestruturadas. Os respondentes são os abaixo descritos (os nomes são fictícios):

¹ Refere-se ao método de extração de rochas ou minerais da terra por sua remoção de um poço aberto ou de uma escavação (VIANA, 2007).

- José veio com os seus familiares para Antônio Pereira há 35 anos. Sempre trabalhou, quando adulto, nas mineradoras. Era soldador industrial em uma empresa terceirizada contratada pela mineradora responsável pela queda da barragem de Fundão. Garimpa há quatro anos, juntamente com seu primo.

- Maria, viúva, mãe de cinco filhos, destes, dois menores de idade, sobrevive com a aposentadoria do falecido esposo e com o extra do garimpo. Foi dispensada do trabalho formal há quatro anos. À época, trabalhava como armadora de ferros na mineração. É nascida e viveu toda sua vida em Antônio Pereira.

- Francisca, casada, veio com o esposo do estado de São Paulo com o propósito de garimpar, atendendo ao desejo do esposo. Está há quatro anos com o marido no garimpo e vivendo em Antônio Pereira.

- Geraldo, nascido e criado em Antônio Pereira, é amigado e tem dois filhos. Trabalhava formalmente de mecânico industrial em uma das empresas mineradoras, sendo dispensado do trabalho logo após o desastre ambiental. Trabalha no garimpo há três anos.

- Inês, nascida na localidade, mãe solteira de três filhos, trabalhou por anos em Belo Horizonte - MG, porém retornou para Antônio Pereira há seis anos. Trabalhava como faxineira na mineradora, tendo sido dispensada do trabalho formal. Há 4 anos está no garimpo

- Jurandir, nascido em Coroaci – MG, veio criança para Antônio Pereira. É separado e tem três filhos. Há quatro anos foi demitido da mineradora, onde trabalhava nas funções de encanador, mecânico e caldeireiro industrial. Seu filho mais velho perdeu mais recentemente o emprego também na mineradora. Eles trabalham no garimpo há três anos.

- João, solteiro e não tem filho, veio para Antônio Pereira junto com a família em 1978. Toda vez que ficou desempregado recorreu ao garimpo.

- Elza, nascida em Ferros - MG, mora há quarenta e cinco anos em Antônio Pereira. É casada e tem cinco filhos. É artesã e teve que largar o artesanato com o desemprego de seu esposo há seis anos. Desde então, acompanha-o no garimpo.

- Joaquim, nascido em São Domingos do Prata-MG, morou por um período em Belo Horizonte - MG e depois veio para Antônio Pereira, fazendo uma nova família. Com três filhos, o mais velho de 18 anos o ajuda no garimpo há quatro anos, quando da dispensa do pai pela mineradora em que trabalhava de eletricista industrial.

Em sua grande maioria, os garimpeiros de Antônio Pereira são ex-funcionários das mineradoras ou pessoas que, diante da dificuldade para inserção ao trabalho, buscam a alternativa de obtenção de renda proveniente do ouro. Grande é a precariedade das condições de trabalho vivenciada. O crescimento da prática garimpeira se intensifica de forma rápida sem nenhum respaldo técnico e tecnológico.

A análise de conteúdo das entrevistas com os núcleos familiares trouxe as seguintes categorias:

(1) **conflitos sociais**: fenômenos que giram em torno de rivalidades em circunstâncias contrárias dos objetivos da sociedade, sendo assim, representa a disputa entre grupos com condutas distintas sobre um determinado assunto, tendo como panorama o modelo de desenvolvimento social de um grupo coletivo em particular (SANTOS 2014);

(2) **trabalho ilegal**: no Brasil é tratado na CLT e possui caráter criminoso, apesar de que haver variedades de compreensões acerca do tema, decorrente das diversidades econômicas e culturais das regiões do país, sendo os contratos de trabalho julgados como injusto, ilegal e/ou informal. Por exemplo, o trabalho infantil pode ser democratizado como ilegal ou informal e até mesmo nem sendo declarado como forma de trabalho em determinada localidade no país (NORONHA, 2003);

(3) **características organizacionais**: são os traços identificáveis de uma determinada entidade ou adquirido de forma própria pela sua cultura. Representa a estrutura organizacional, bem como as inter-relações entre os sujeitos envolvidos e as funções que os mesmos ocupam, evidenciando assim, a hierarquia, os comportamentos, os níveis de tomada de decisão, bem como outros fundamentos, sendo particular e único a cada organização (SCHULTZ, 2016).

4.1 Conflitos Sociais

Os conflitos sociais na comunidade de Antônio Pereira são intimamente intrincados com a mineração. A atividade garimpeira é um dos reflexos desses inúmeros conflitos. Um dos seus efeitos é a desigualdade social na perspectiva da alta dependência dos moradores com a demanda dos serviços ofertados pelas mineradoras e da falta de alternativas para o trabalho em outros segmentos não minerários:

Minha vida foi toda aqui, fui criado aqui, tem mais de 35 anos que minha família veio pra cá, e desde (19)95 que trabalho nas mineradoras da região. Estudei e ajudei meus pais. Nós, da minha família, sempre dependemos das empresas mineradoras. Mesmo com a falta de emprego hoje, não penso em sair daqui pra ir pra outro lugar, pois aqui é minha terra, onde moram meus parentes. (José, 2020).

A minha vida foi sempre trabalho. Aqui as coisas sempre foi difícil (sic) pra gente. Eu sou viúva e garimpo para o sustento de minha família. Recebo a pensão do meu marido. É só 1 salário mínimo e não dá pra muita coisa. Vai fazer 4 anos que não tem empresas contratando. Quando eu não estou fichada, eu estou no garimpo, não aguento ficar sem ganhar uns trocados à mais, preciso de uma renda extra [...] (Maria, 2020).

Eu sou nascida aqui. Sou mãe solteira de 3 filhos. Por muitos anos trabalhei em Belo Horizonte, mas trabalhava na mineração. Até ano passado, eu estava fichada e não tô (sic) tendo opção nesse momento. Hoje estou apenas fazendo *prova*, porque a água está pouca, está difícil porque já tem barragens prontas acima e a água aqui em baixo está ruim [...] (Inês, 2020).

São evidentes que as empresas mineradoras conseguem aferir lucros altíssimos diante das enormes quantidades minerais extraídos, obtendo assim uma elevada acumulação do capital. Coggiola (2016) fala que as empresas são as mais afortunadas, porque conseguem, pelo capital, monopolizar determinados mercados. Refletindo sobre o contexto local, percebe-se que as mineradoras são o agente superavitário no elo empresa e comunidade. Além de monopolizarem o mercado de extração mineral, desenvolvem um vínculo de íntima dependência com os moradores da comunidade, por serem a maior empregadora da região (LIJTERMAN, 2017).

Todos os nove garimpeiros entrevistados alegaram o retorno imediato às mineradoras diante da possibilidade de contratação pelas mesmas e visão positiva da importância destas, sendo demonstrado nas seguintes falas:

[...] se me chamar eu vou. Meu filho saiu de lá ontem, ele falou que a moça do serviço dele falou pra mim mandar o meu curriculum por e-mail, mas eu não entendo disso. (Jurandir).

[...] trabalho autônomo é ruim. Fichado, quando você adocece, a gente consegue afastar pelo INSS. Aqui não tem garantia nenhuma. (Geraldo).

[...] você estando fichado, você tem mais condições. Aqui tem friagem, lá você tem seu salário [...]. (Maria).

Outro aspecto que contribui para a desigualdade social dos garimpeiros de Antônio Pereira foi analisado segundo o discurso de Ribeiro (2013), em que a marginalização por esse tipo de grupo foi se estabelecendo na medida em que houve a inserção do capitalismo industrial na Mineração. A baixa taxa educacional propicia o surgimento dos garimpos clandestinos (MATTA, 2006). Apesar de Antônio Pereira estar próximo aos centros universitários, tais como, UFOP e de centros profissionalizantes na cidade de Mariana, a maioria dos entrevistados não possuía nem o ensino médio completo e as profissões conquistadas pelos garimpeiros estavam atreladas unicamente às das funções obtidas nas indústrias de mineração, como: encanador, mecânico, caldeireiro e eletricitista industrial, e outras específicas minerárias. Sendo assim, na ausência de trabalhos na mineração, os mesmos sentem dificuldades em encontrarem vagas de empregos em organizações de outros segmentos, optando assim para o garimpo.

O local intensificado pelo garimpo nesses cinco anos do desastre ambiental está situado próximo às moradias (figura 1), descaracterizando e desvalorizando o local, podendo gerar outros problemas como, por exemplo, o incentivo ao trabalho infantil, correspondendo-se da seguinte observação:

[...] Como esse garimpo é próximo à comunidade muitas crianças ficam brincando ao redor do local, tornou-se algo normal e necessário tal prática. Na hora do almoço o fluxo de pessoas é intensificado, em que moças e crianças levam as refeições para alguns dos garimpeiros [...] (Caderno de campo).

Figura 1: Imagem do garimpo próximo às residências em Antônio Pereira.



Fonte: Dados Primários.

Os próprios pais são os principais estimuladores para o trabalho infantil no garimpo, corroborando a fala de Ribeiro (2013):

[...] Eu apuro mais em casa, Na verdade peço meu menino pra apurar pra mim, porque é ruim demais, dói demais a coluna! Quando ele não está lá, eu até que apuro bem devagar, mas ele tem mais costume, é mais rápido. (Joaquim).

Sendo o trabalho infantil propriamente presenciado na seguinte passagem:

[...] em conversa com uma das garimpeiras (entrevistada 2), que estava no local com seu filho de 14 anos, ela alegou que ele estuda e que está no garimpo devido o adolescente estar de férias da escola, justificando a responsabilidade que ele deve ter para comprar o seu próprio material escolar[...] (Caderno de campo).

O garimpo tem uma elevada valorização entre os jovens, devido aos problemas financeiros familiares. Veja o extrato do caderno de campo:

[...] Constatei também um adolescente de 17 anos e ao abordá-lo perguntando se era menor de idade, o mesmo afirmou positivamente, já garimpa desde os 15 anos e que não estuda mais, questionado o porquê de não estudar, o mesmo respondeu que é devido ele precisar trabalhar para comprar sua roupa e tênis, que sua mãe não pode comprar pra ele e que seu pai está preso [...]” (Caderno de campo).

Não há outras estruturas bem consolidadas fomentadoras de emprego na região, submetendo Antônio Pereira às oscilações do mercado minerário. As demissões, intensificadas após a queda da barragem gera nos garimpeiros os sentimentos de abandono e desproteção social. A eles resta a necessidade de se reinventarem para sobrevivência.

Após a queda da barragem de Fundão, em 2015, os conflitos sociais se acirraram entre os garimpeiros com o aumento do número de pessoas que passaram a procurar a região para garimpo. A tensão gerada foi em toda a região de Antônio Pereira e não exclusivamente no garimpo e ela foi encontrada em forma de críticas às pessoas e até mesmo relatos de episódios de brigas na cidade.

4.2 Trabalho Ilegal

Como o trabalho do garimpo em Antônio Pereira foi fomentado com bases em interesses individuais, justificado pela urgente necessidade de obtenção de renda diante da alta taxa de desemprego – devido à queda da barragem de Fundão -, não houve tentativas para a regulamentação da atividade, formando-se então, numa realidade informal. Todos os indivíduos entrevistados alegaram conhecimento dessa situação, sendo perceptível o receio nas seguintes falas:

Tenho medo do meio ambiente. Eles falam que o garimpo pelas leis do país não foi legalizado, que não foi liberado pela polícia Federal. Tem uns garimpos que se salvam, pois são legais. (José).

[...] quando os outros colegas falam que a florestal está descendo, a gente sai fora. Eu fico até em casa pra evitar esses caras. Teve um dia desses que passou um Drone sobrevoando aqui, aí tivemos que nos abaixar para tentar esconder. (Geraldo, 2020).

Tenho medo sim. Tem dia que temos que sair correndo, porque o florestal vem, aí eles dá multa de 10 à 15 mil reais. Eles vêm e toma tudo, todas as nossas ferramentas. (Maria).

O receio da fiscalização pelos órgãos públicos provoca alteração nos turnos de trabalho dos garimpeiros

No período da tarde percebo que há uma diminuição da quantidade dos garimpeiros na região, e perguntado a um garimpeiro aleatoriamente os motivos da diminuição de pessoas, o mesmo alegou que é devido à fiscalização da Polícia que acontece com maior frequência no período da tarde” (Caderno de campo, 2020).

Se de um lado há os receosos pela prática do garimpo em Antônio Pereira, do outro lado há os desafiadores, que conforme Ribeiro (2013) possuem o sentimento de desobediência em virtude da desproteção social pela legislação brasileira e dos empreendimentos minerários, sendo claro nas seguintes falas:

A federal já veio aqui antes. Na época o garimpo parou, mas a gente voltou. Todo mundo continuou, porque todo mundo estava desempregado. No dia que eles veio prender os trens, a gente falou que pode levar, a não ser que arruma serviço pra nós. (Jurandir).

Tenho medo não. Se eu não trabalhar morro de fome. (João).

Nesse ambiente de incerteza e desconfiança geradas pela ilegalidade, qualquer indivíduo não pertencente ao grupo de garimpeiros é encarado como uma possível ameaça:

Cheguei nessa região às 08:45, onde há a prática do garimpo. Avistei poucos garimpeiros, mas ao adentrar na área percebi uma maior quantidade de pessoas, totalizando 32. Percebo um estranhamento dos garimpeiros para comigo, acredito ser devido ao receio da atividade realizada ser ilegal [...] (Caderno de campo).

Sendo também percebido pela entrevistada que era de outro estado brasileiro:

Eu já cheguei garimpando. Quando chegamos, todos ficaram desconfiados. Acharam que nós eramos da Polícia Florestal, mas no mesmo dia já fizemos as *bicas* e *caixotes* (Figura 2), fizemos amizades com os demais garimpeiros. (Francisca).

Figura 2: Imagem de uma Bica e um Caixote no garimpo.



Bica

Caixote

Fonte: Dados Primários.

Outro aspecto que faz com que o garimpo se torne ilegal, está no uso do mercúrio para apurar o ouro. Sendo uma substância química altamente contaminante dos rios e solos, este problema evidenciado também por Costa (2007) é percebido em:

[...] termina de apurar em casa com *AZOUGUE*, que é um mercúrio proibido, mas só que não tem como apurar sem o mercúrio, nós compramos pela internet ou até mesmo com os garimpeiros lá. (José, 2020).

[...] nós recolhemos tudo e apuramos só no sábado na casa do meu colega. E para apurar nós usamos o mercúrio, não é aqui no rio não. (João).

4.3 Características Organizacionais

A estrutura organizacional do garimpo em Antônio Pereira possui em sua composição fortes traços familiares, que conforme Arrighi (1996) determinam as características preponderantes para o surgimento de organizações não convencionais. É perceptível nas falas dos indivíduos esse elo parental:

[...] meu esposo está desempregado, aí nos fomos tirar ouro. Eu não podia deixar meu esposo sozinho. Lá não vejo também ninguém trabalhando sozinho, é sempre 2 ou mais. (Elza).

Cheguei por informação de meu primo. Ele veio primeiro e me chamou. Conseguimos uma renda extra aqui. (José).

Através do meu esposo eu caí aqui por acaso. Ele tinha o interesse de garimpar e nós tivemos informações que Mariana e Ouro Preto havia ouro e garimpos e aqui chegamos. (Francisca).

Outro aspecto peculiar característico dessa estrutura organizacional garimpeira está na criação interna das normas e preceitos a serem seguidos por todos os envolvidos no garimpo, que segundo Costa (2017) essas normas criadas não são documentadas, mas sim subtendida em consenso. Portanto esses acordos firmam-se pela confiança mútua, prezando pelo respeito e inviolabilidade quanto ao local individual de cada garimpeiro e da armazenagem das ferramentas e procedimentos (Figura 3).

Figura 3: Armazenamento individual de ferramentas.



Fonte: Dados Primários.

Para a obtenção dessa confiança inúmeros conflitos interpessoais são presenciados, mediante a busca de controle e dominação do garimpo. Conforme Costa (2017), essa confiança é abalada diante da insegurança ocasionada pelos contratos verbais, que podem intensificar atitudes oportunistas, aumentando o grau de conflitos na organização. Tal é evidenciado na resposta da garimpeira ao ser questionada da existência de conflitos no garimpo:

Há sim, principalmente no local onde está com mais gente, na área mais próxima ao campo, porque a água lá não é muita e eles querem colocar tudo próximo um do outro, aí um não deixa colocar, aí fica com raiva, arruma briga. Lá já teve muitas discussões. (Elza).

Outro agravante está relacionado aos faturamentos do ouro, que dependem praticamente da sorte para obtenção de altos lucros, pois o mineral segundo relato dos garimpeiros pode ser encontrado independentemente de se trabalhar muito ou pouco, sendo evidenciado nas seguintes falas:

É um serviço muito trabalhoso, muito sofrido. É um quebra-galho. Apenas serve pra suprir as necessidades básicas, por exemplo: tem semanas que conseguimos tirar 11 gramas, porém há semana que é só 2 gramas. Eu cheguei sozinha a tirar em uma semana apenas 10 décimos. Não é fácil! (Francisca).

[...] fica o dia inteiro pra ganhar R\$ 10,00. Tem mais de ano que dá mais ou menos isso. (Jurandir).

O ouro que a gente tira e vende é pra poder comprar algumas coisas, pagar algumas contas. Só que ultimamente nem conta eu estou conseguindo pagar mais. (João).

Diante dessa realidade afloram os comportamentos oportunistas. O controle territorial do garimpo, característica peculiar em Antônio Pereira, é feito por dois garimpeiros identificados pelos demais como sócios. Esses indivíduos subcontratam mão de obra adolescente que, diante da vulnerabilidade dos menores, acabam aceitando a oferta de trabalho:

[...] Os dois sócios iniciais contratam jovens para prestarem serviços para eles. Não é registrado, é um acordo verbal onde cada colaborar deverá lavar 60 carinhos de materiais por dia e em contrapartida recebem R\$ 50,00[...] (Caderno de campo).

Figura 4: Procedimentos e Ferramentas do Garimpo



local de perfuração para a retirada de material

Carrinho de mão e Bateia

Barragem de garimpo

Fonte: Dados Primários.

Apesar das quantidades aferidas pelos sócios, o lucro na venda do ouro por eles e pelos demais garimpeiros não é potencializado devido ao limitador das negociações serem regionais, notável em:

[...] Questionei a um garimpeiro aleatoriamente sobre como é realizada a venda do ouro e ele me respondeu que é comum os garimpeiros venderem semanalmente ou quinzenalmente o ouro recolhido. Antigamente não existiam compradores na localidade, apenas em Mariana, mas que agora Antônio Pereira já possui e o valor ofertado por aqui não acompanha a real cotação do ouro. Que o preço da grama é vendida em torno de R\$ 105 à R\$ 108 [...] (Caderno de campo).

Já outra característica organizacional perceptível está subtendida pelas experiências dos garimpeiros nas empresas mineradoras e trazida para o garimpo. Isso é refletivo no compromisso e na assiduidade ao trabalho. Como a qualquer outro trabalho formal, há exigências para cumprir a carga horária de trabalho. A pontualidade e desempenho das tarefas diárias são verificadas nas seguintes falas:

Venho de segunda à sexta. Eu trabalho pra mim mesma de 05:30 às 13:00 horas. Chegando no local, aí tenho que fazer material, tem que cavar ele (**Figura 4**), porque lá o material é muito duro. Todo dia a gente faz a mesma coisa: tira de lá o material no carrinho e leva na bica pra lavar. Na bica tem o carpete que armazena o ouro, todo dia a gente traz e leva o carpete... Aí no final do dia a gente lava, bate o carpete no carinho, esse material lavado apura na bateia (**Figura 4**). (Maria).

Levanto 05h30 todo o dia, mas como tenho que fazer café, chego aqui é 6 horas. Venho de segunda a sábado e não falto nenhum dia porque tenho meus meninos pra cuidar. Eu já chego, monto as *bicas*, todo o dia a gente tira ela pra enchente não levar ela embora. Boto o carpete na bica. O carpete fica amarrado na *bica*, aí coloca a bica embaixo do *caixote*. A gente vai tirando o *material* ali e jogando aqui na *bica*, e a terra que fica sobrando a gente limpa. Nós pegamos *material* ali na frente. Aqui é o dia inteiro. (Jurandir).

Venho de segunda a sábado. Vem eu e meu colega, mas cada um tira o seu ouro. Essa *bica* aqui é minha e a outra é dele. A *barragem* (**Figura 4**) nós mantemos ela em conjunto. (João).

5. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo descrever a atividade garimpeira na região de Antônio Pereira e o impacto que a queda da barragem e Fundão ainda provoca sobre ela. Foram identificados diversos aspectos próprios à organização do trabalho no garimpo, tais como: subcontratação, relação de poder, conflitos interpessoais, trabalho em núcleos familiares e sistemas de trabalho ordenados e racionalizados.

A partir das entrevistas foi possível constar o quão árduo é a atividade garimpeira, sendo esta marginalizada e incentivada pela precariedade de trabalho na região. Muitos são os desafios identificados no garimpo. Por um lado, são evidenciados problemas sérios na região no aspecto de formação de postos de trabalhos formais, diante do desemprego assolado pelo desastre ambiental. Por outro lado, eles sofrem desafios internos, pois como o garimpo não é regulamentado surgem atitudes oportunistas entre os próprios garimpeiros, estabelecendo-se numa relação de poder e conflito.

A análise da bibliografia nos permitiu verificar como questões conflituosas relativas ao garimpo atualemtne vivenciadas pelas pessoas remontam ao período do Brasil Colônia. A análise histórica revelou que sempre houve uma predileção aos grandes produtores e, em seguida, às grandes empresas. Atualemtne, verifica-se tal privilégio, que é questionado pelos garimpeiros que se indignam com a autorização do trabalho da Samarco e suas proprietárias na região ao mesmo tempo em que há aumento da perseguição aos garimpeiros.

A atividade garimpeira tem sido ainda mais prejudicada com a definição de Antônio Pererira como região atingida, já que a região onde ocorre o garimpo é considerada “zona quente”, ou seja, local em que o rejeito passará, em caso de rompimento da barragem. Assim, a região tem sido monitorada não somente pela polícia, mas pelas empresas responsáveis pela barragem.

Os resultados deste estudo apontam para problemas sociais para além do desemprego na região, sendo oriundos do crescimento exponencial e desordenado

da atividade garimpeira na região. A ordenação dessas atividades requer grandes esforços dos órgãos públicos para a normatização do garimpo e, principalmente, da conscientização e articulação organizada dos garimpeiros, para o desenvolvimento da prática extrativista em consonância com a preservação ambiental e paisagista do local.

Na questão da proteção ambiental é importantíssima a fiscalização, pois além do esgoto da comunidade que já é jogado no rio, o garimpo também contribui com o aumento da turbidez da água mediante a lavagem do material e também do descarte do mercúrio, tendo assim a perda da qualidade da água da bacia do rio Gualaxo do Norte desde os primeiros afluentes.

Outra questão cabível aos órgãos públicos está no combate ao trabalho infantil, devendo tal prática ser coibida diante dos esforços em conscientizar a comunidade para a importância da educação, enfatizando campanhas que apoiam os jovens a ingressar nos centros de formação profissional e universitária.

Ouro Preto é uma cidade com muitos distritos e com muitas demandas, o que dificulta uma atenção específica para Antônio Pereira pelos órgãos gestores, mesmo recebendo os royalties da mineração pelas empresas mineradoras. Diante disso, seria de fundamental importância uma organização mais eficiente dos garimpeiros em conjunto com a população, identificando pessoas específicas do garimpo para representação diante ao município para busca de resultados mais satisfatórios para a causa e para a comunidade.

O estímulo para a formação de lideranças na comunidade de Antônio Pereira é outro fator a ser cultivado, pois assim, estratégias de desenvolvimento local poderiam ser afloradas com intuito de estabelecer uma menor dependência com as empresas mineradoras e com a prática do garimpo.

Como limitação do estudo temos que a análise dos garimpos ficam muito à sombra da análise de grandes corporações, dada a importância delas na organização e no cenário nacional. Não foi a intenção dos autores privilegiarem o discurso das organizações criminosas, no caso da queda da barragem de Fundão, ou de outras mineradoras, ao contrário, a proposta deste estudo é ecoar as vozes dos garimpeiros da região de Antônio Pereira, exaltando sua tradicionalidade e modos de trabalho, que acabam por produzir modos de vida.

Espera-se que este trabalho ajude a evidenciar a realidade dos garimpeiros de Antônio Pereira, bem como incentivá-los para a busca da regulamentação e capacitação, visando equilibrar as relações de trabalho e a busca de tecnologias e mecanismos que causem menos danos ao meio ambiente, preservando as características históricas e naturais do distrito.

Sugere-se como futuros estudos, novas pesquisas que retratem sobre a organização do garimpo do Topázio Imperial em Antônio Pereira, este também sendo ilegal e uma prática recorrente, este que mudou drasticamente a paisagem natural, e demais outros estudos são válidos, pois quanto mais pesquisas, mais conhecimento sobre a realidade do distrito são evidenciadas.

Referências

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados d entrevista; uma proposta. Paidéia, Ribeirão Preto: nº 2, fev. jul, 1992.

ANDRADE, M. C. **Cidade e campo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense. 224p. 1974.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo**. Rio de Janeiro : Contraponto ; São Paulo : Editora UNESP, 1996.

BEAUD, Michel. **História do capitalismo**: de 1500 aos nossos dias. SP: Ed. Brasiliense, 1987.

BOEHS, C. G. E.; SEIFERT, R. E.; VIZEU, F. **Organizações formais e sua contraparte**: as organizações sociais e uma reflexão/desconstrução a partir da dimensão da racionalidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, I, 2013, Fortaleza. Anais-Fortaleza: SBEO, 2013. P. 447-468.

BRASIL MINERAL. **Arrecadação com CFEM cai 33,1% até maio**. Minas Gerais: 5 de jun. 2017. Disponível em: <http://www.brasilmineral.com.br/noticias/arrecada%C3%A7%C3%A3o-com-cfem-cai-331-at%C3%A9-maio>. Acesso em: 16/04/2018.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília (DF): 57 (5), 611-4, set. out. 2004.

CARMO, Antônio Á.do; CASTRO, Clodomiro de, LOPES, Helena S.; LAZARINI, José M.; SILVA, Maria C. A. C. da, GUICCIARDI, Noêmia Gonçalves. Pautas de pescadores(as) e garimpeiros(as) tradicionais se agravam durante a pandemia. In: **Jornal A Sirene. Mariana, ano 5, ed. 50, junho de 2020**.

CARRAPIÇO, Jorge. **As Aplicações em Ouro e o Balanço**. VidaEconómica. Portugal: p. 30, 16 de set. 2011.

CASTRO, Clodomiro; RESENDE, Gilson F.; NASCIMENTO, Hermínio A.; PAPAGAIO, Sérgio. **Se a Vale pode minerar, por que os garimpeiros não podem garimpar?** In: **Jornal A Sirene. Mariana, ano 4, ed. 55, novembro de 2020**.

COGGIOLA, Osvaldo. **História do Capitalismo**: Das origens até a Primeira Guerra Mundial. São Paulo, 2016.

Comitiva de Atingidos da Bacia do Rio Doce. (2018). O desastre da reparação: O caso do Rio Doce (Minas Gerais e Espírito Santo, Brasil). *Foz*, São Mateus – ES, v. 1, n. 2, p. 07-27, 2018

COSTA, Luciano Rodrigues. Os garimpos Clandestinos de ouro em Minas Gerais e no Brasil: tradição e mudança. **História & Perspectives**. p. 247-279, Uberlândia: jan.dez. 2017.

COSTA, M. S. Relações de trabalho e os regimes contemporâneos de emprego na Espanha e no Brasil: um breve paralelo. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 54, p. 499-525, 2010

Da Silva, G., Boava, D., Macedo, F. (2017). Refugiados de Bento Rodrigues: o desastre de Mariana, MG. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 11(2), 63-81.

FLORIANO, Maria da C.; SOUZA, Sidney S.; CASTRO, Vanilda A.; GONZAGA, Vilma A. de C. **Não perdemos só o rio**. In: Jornal A Sirene. Mariana, ano 3, ed. 28, julho de 2018.

GEORGES, Rafael. A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras. OXFAM Brasil. Brief comunicação, 25 set. 2017. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf Acesso em: 22/04/2018.

GURAN, Milton. **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica: Notas e Reflexões**. XII prêmio Funarte Marc Ferrez de fotografia, p. 116, 2012.

IBGE. **Trabalho informal faz desemprego cair**. Estatísticas Econômicas, 31 de ago. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/16155-trabalho-informal-faz-desemprego-cair.html>. Acesso em: 22/04/2018.

IBRAM. **Relatórios 2016-2017**, disponível em: http://portaldamineraçao.com.br/ibram/wp-content/uploads/2017/08/WEB_REL_IBRAM_2017.pdf Acesso em 03/02/2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO. **Mineração & meio ambiente**. 126p. Brasília: IBRAM, 1992.

JORNAL PONTO FINAL. **Desemprego em Mariana atinge 23% da população e bate novo recorde**. Disponível em: <http://www.jornalpontofinalonline.com.br/noticia/5591/desemprego-atinge-13-mil-pessoas-e-atinge-novo-recorde-em-mariana> Acesso em 04/02/2018.

JOVCHELOVICH, S. Bauer M.W. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; p. 90-113, 2002.

LIJTERMAN, Eliana. **Heterogeneidad estructural y segmentacion de mercados: La informalidade como campo de discusión en el contexto de emergência del concepto**. Yuxtaposiciones entre problemas de empleo y de pobreza. Santiago del Estero: jun. 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-68712017000200020&lang=pt . Acesso em: 18/04/2018.

LIMA, T. B.; CAVALCANTE, K. O.; COSTA, M. S. **Informalidade: escolha ou falta de opção? Um estudo no Mercado Terceirão de João Pessoa/PB**. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 3. 2011, João Pessoa.

Anais eletrônicos. João Pessoa: ANPAD, 2011. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2011_ENGPR110.pdf Acesso em 24/03/2018.

MARTINS, Marcos Lobato. A Arte de fabricar motins: **Os marcos regulatórios da mineração diamantífera em perspectiva histórica**. Pedro Leopoldo: VIII Encontro Regional Gestão & Tecnologia, p. 76, 2008.

MATITZ, Queila Regina Souza; VIZEU, Fabio. Construção e uso de conceitos em estudos organizacionais: por uma perspectiva social e histórica. **Revista Administração Pública**, Vol. 46, n 2. Rio de Janeiro: Mar. / Apr. 2012).

MATTA, Paulo Magno. **O Garimpo na Chapada Diamantina e seus impactos ambientais**: uma visão histórica e suas perspectivas futuras. Dissertação Pós-Graduação, Salvador: p. 212, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História oral**. 5ª edição. São Paulo: Loyola, 2005.

MERLO, Franciele; KONRAD, Glauca Vieira Ramos. Documento, História e memória: A importância da preservação do patrimônio documental para o acesso À informação. **Informação & Informação**, Londrina: v. 20, n.1, p. 26-42, jan./abr. 2015.

MEYER, Jean. **Les Capitalisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

MIRANDA, J. G.; CIPRIANI, M.; MÁRTIRES, R. A. C.; GIACONI, W. J. **Atividades garimpeiras no Brasil**: aspectos técnicos, econômicos e sociais. 61p. Rio de Janeiro: CETEM/CNPq, 1997.

NORONHA, Eduardo G. "Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 18, nº 53, out./2003.

OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista**: o ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2005.

OURO PRETO. **Antônio Pereira**. Disponível em: <<http://www.ouropreto.com.br/distritos/antonio-pereira>>. Acesso em 04/02/2018.

PAPAGAIO, Sérgio. **A volta da Renova e o medo da contaminação**. In: Jornal A Sirene. Mariana, ano 5, ed. 53, setembro de 2020.

PAPAGAIO, Sérgio. **Papo de Cumadres** In: Jornal A Sirene. Mariana, ano 2, ed. 29, agosto de 2018.

PORTAL DA MINERAÇÃO. **Panorama da Mineração em Minas Gerais**, disponível em: <http://portaldamineraacao.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Panorama-da-Minera%C3%A7%C3%A3o-em-Minas-Gerais-2016.pdf?x73853> acesso em 03/02/2018.

PRISMMA. (2018). *Pesquisa sobre a saúde mental das famílias atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana*. Org.: Maila de Castro Lourenço das Neves et al., Belo Horizonte: Corpus.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Universidade FeeVale, 2ª edição. Novo Hamburgo: 2013.

QUEIROZ, Antônio Augusto de. Reforma Trabalhista e seus reflexos sobre os trabalhadores e suas entidades representativas. **DIAP**. Brasília: Série Educação política, 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. **Coleção TEXTOS**. São Paulo, CERU e FFLCH / USP, 1985.

RAMBOLL. **Relatório Quadrimestral das Principais Questões com os Indicadores Propostos**. Período de 16/02/2020 a 15/03/2020, 217 p, 2020.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A Nova Ciência das Organizações**. Tradução de May Cardoso. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, p.210, 1989.

REZENDE, Vanessa Leite. A Mineração em Minas Gerais: Uma análise de sua expansão e os impactos ambientais e sociais causados por décadas de exploração. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, 28 (3): p. 375-384 set./dez. 2016.

RIBEIRO, Loredana. Cativos do Diamante. Etnoarqueologia, Garimpo e Capitalismo. Minas Gerais, **Revista Espinhaço**, p. 153-167, 2013.

ROCHA, Djanira; SEVERINA, Teresinha; HELENA, Maria. **Como vivem as garimpeiras atingidas pela lama no Rio Doce**. In: *Jornal A Sirene*. Mariana, ano 2, ed. 20, novembro de 2017.

RODRIGUES, Aline Sueli de Lima. **Caracterização da bacia do Rio Gualaxo do Norte, MG, Brasil**: Avaliação Geoquímica Ambiental e Proposição de valores de Background. Tese de doutorado. Ouro Preto: 2012.

SANTOS, Leonardo Bis dos. O conflito social como ferramenta teórica para interpretação histórica e sociológica. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum**, Belém: v.9, n.2, p. 541-553, maio /ago. 2014.

SARAIVA, C. & FERREIRA, P. **The tragedy of Mariana in management's tragedy**. *Critical Perspectives on International Business*, v. ahead-of-print, n. ahead-of-print. <https://doi.org/10.1108/cpoib-01-2018-0014>, 2019.

SARMENTO, Daniel de Moraes. **A Propriedade Mineral Segundo o Regime Res Nullius vigente no Brasil**. Rio de Janeiro: Dir. adm, 1976.

SCHULTZ, Glauco. **Introdução à gestão de organizações**. Porto Alegre: Editora UFRGS, p. 159. 2016.

SOUZA, Laura de Mello e Souza. **Desclassificados do Ouro: A pobreza mineira no século XVIII**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Graal, Set. 1982.

VALENCIO, Norma; Valencio, Arthur. **O assédio em nome do bem: dos sofrimentos conectados à dor moral coletiva de vítimas de desastres**. Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, 12(2), p. 19-39, 2018

VIANA, Maurício Boratto. **Licenciamento ambiental de minerações em Minas Gerais: novas abordagens de gestão**. 305p. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, UnB, Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4053> . Acesso em: 24 março 2018.

VIANA, Maurício Boratto. **Panorama do setor mineral: Legislação e impactos socioambientais**. Brasília – DF: Consultoria Legislativa, 2015.

VIZEU, F. (Re)contando a velha história: reflexões sobre a gênese do *management*. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 780-797, set./out. 2010.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1976.

WOLFFENBÜTTEL, Andréa. O que é? FOB. **Revista Desafios do desenvolvimento**, Brasília: IPEA, Edição 27, 5 de out.2006. Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2115:catid=28&Itemid=23> . Acesso em: 15/04/2018.